

País perde US\$ 1,8 bi em um dia

TATIANA BAUTZER E
MAURÍCIO PALHARES*

SÃO PAULO – As saídas de dólares beiraram ontem a US\$ 1,8 bilhão, a bolsa de valores foi interrompida quando a queda superou 10% e as taxas de juros chegaram a 50% no mercado futuro. O dia ontem foi novamente de intenso nervosismo no mercado financeiro, com a deterioração da confiança no país depois da desvalorização cambial acontecida na quarta-feira. A queda nas bolsas foi a maior desde 10 de setembro, auge da crise da Rússia.

O Brasil foi rebaixado ontem pela agência de classificação de risco de crédito Standard & Poor's. A dívida brasileira agora tem a mesma classificação de países como a Venezuela, República Dominicana e Cazaquistão. A agência estima um risco menor para os títulos da Bolívia, Líbano, México e Argentina estão duas classificações à frente do Brasil. Como a reclassificação afeta os títulos da dívida externa brasileira, estes papéis desabaram ontem.

Virada – O dia de ontem começou relativamente tranquilo. Até o fim da manhã, as cotações do dólar recuavam em relação ao teto da banda. O dólar chegou a ser cotado a R\$ 1,31, pouco abaixo do teto de R\$ 1,32 permitido pelo Banco Central. A bolsa chegou até a registrar alta de mais de 4%.

Mas logo o clima mudou: o rebaixamento do Brasil pela agência de rating e as declarações do secretário de Fazenda de Minas Gerais, dizendo que não iria saldar os eurobônus do estado no exterior, assustaram os investidores externos. Os preços dos títulos da dívida começaram a desabar, junto com a bolsa. À tarde, a notícia da saída do di-



Credito: Antonio Lacerda

Em dia nervoso nos mercados, as casas de câmbio do Rio tiveram movimento fraco (leia na página 14)

retor de normas e fiscalização do Banco Central (BC), Cláudio Mauch, também deixou o mercado nervoso. As notícias se somaram os boatos de dificuldades de instituições financeiras que teriam tido prejuízos com a disparada dos juros nos mercados futuros e a desvalorização do real.

A bolsa de São Paulo foi interrompida às 16h46, quando a queda do índice superou os 10%. A bolsa reabriu às 17h20 e não se recuperou mais. Acabou fechando em queda de 9,96%.

O nervosismo no mercado de câmbio continuou. As cotações, que tinham recuado no início do dia, voltaram a ultrapassar o teto da banda e o Banco Central foi obrigado a fazer um leilão para conter a alta. Depois do leilão, o BC passou a vender diretamente dólares aos bancos interessados.

A nova saída de dólares preocupava os operadores ontem. Até as 20h45, as saídas superaram US\$ 1,785 bilhão. As saídas se concentraram no câmbio comercial: US\$ 1,279 bilhão. Outros US\$ 506 milhões saíram pelo câmbio flutuante.

Real em Chicago – Os mercados futuros continuaram travados ontem, e a negociação aconteceu no futuro de reais na bolsa de Chicago. Próximo ao horário de fechamento, a cotação do contrato de fevereiro mostrava a expectativa de que a alta de 8,9% do dólar não foi suficiente. O contrato estimava cotação de R\$ 1,40 para o fim do mês – ou seja, uma desvalorização adicional de cerca de 6% até o fim de janeiro.

A Bolsa de Mercadorias e Futuros mudou os limites e hoje aceitará alta

de 2% no contrato de fevereiro, 4,5% no contrato de março e 4,5% nos de abril em diante.

Endividadas – As ações mais castigadas pelo mercado foram as de empresas com grande endividamento em dólar. A Petrobras, por exemplo, caiu 19% só ontem. A empresa tem alto passivo em dólar e a maior parte de sua receita é de vendas no mercado interno, em reais. Também perderam muito as ações da Telerj – queda de 23,6% e Telerj Celular – que perdeu 17,6%, pelo mesmo motivo, e Light – que caiu 18%. A Eletronbrás perdeu 13,3%.

Os bancos brasileiros, afetados pela reclassificação da dívida, também fecharam em forte baixa nas bolsas.